

Um defeito de cor, de Ana Maria

Gonçalves: traços afro-femininos Página | 143

que trazem um legado de *contradiscorso e construção*

identitária

Camila de Matos Silva⁶¹

Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

Resumo

Ana Maria Gonçalves cede voz à Kehinde, narradora da obra, uma africana do antigo Daomé e durante sua saga revisita boa parte do período colonial do Brasil trazendo à tona fatos da memória coletiva e individual que marcam este período histórico e promovendo um contradiscorso. Procuramos, durante nosso trabalho, ressaltar os assuntos que territorializam a escrita da mulher negra em solo brasileiro, na contemporaneidade. *Um defeito de cor*, romance de Ana Maria Gonçalves, publicado em 2006, o qual estabelece um diálogo entre ficção e história. Desenvolvendo questões relacionadas à literatura, à história, à raça, gênero e à diáspora africana, busca-se demonstrar a importância das obras de literatura afrodescendente no Brasil, comprometidas etnograficamente com as relações raciais contemporâneas. É a possibilidade de criação de um novo discurso constituidor de outra história, escrita pelos “ex-cêntricos” de nosso país, destoante do status quo intelectual vigente, mas caracterizando uma narrativa inseparável da vida e da realidade.

Palavras-chave

Literatura afro-feminina; Metaficção historiográfica; Memória.

⁶¹ Doutoranda em Teoria da Literatura na Universidade Federal de Pernambuco/UFPE. Possui mestrado em Literatura, Cultura e Tradução pela Universidade Federal da Paraíba/UFPB. Possui graduação em Letras Português/Licenciatura pela Universidade Federal de Minas Gerais/UFMG. Pesquisadora na área de literatura afro-brasileira, africana, gênero, memória, religiosidade, performance e cinema. Poeta nas "horinhas de descuido". Ex contadora de histórias do Grupo de Contadores de Estórias Miguilim - Cordisburgo/MG.

Afiando as facas

Curvarei o meu insulto...
Aos pés da ignorância
Com a foice a fio...
Corta e cega até os olhos...
Oferenda de exílio de mulher africana...
Como as folhas de cana
trazem melaço nos troncos,
Afiando as facas e cortando o mal pela raiz!

Página |
144

Elizandra Souza em *Água da cabaça* (2012)

A escrita afro-brasileira permite ao negro falar por si, a contar sua própria história e, pela literatura, enfrentar a misoginia e o racismo pelos múltiplos labirintos da memória, grafando, na escrita, histórias e História como recursos de polifonias e resistência. Por esse viés, é impossível não nos lembrarmos do poema “Vozes-mulheres”, de Conceição Evaristo, publicado pela primeira vez nos *Cadernos Negros*, em 1991, e republicado, posteriormente, em *Poemas da recordação e outros movimentos* (2008):

Vozes-mulheres

A voz de minha bisavó ecoou
criança
nos porões do navio.
Ecoou lamentos
De uma infância perdida.

A voz de minha avó
ecoou obediência
aos brancos-donos de tudo.
[...]
(EVARISTO, 2008, p. 24)

A voz ancestral-diaspórica e feminina que percorre em todo o poema é a mesma que impulsiona e traz à tona recordações dolorosas de uma História brutal. A expressividade do poema apresenta uma ligação com a história de Kehinde que expressa ao rememorar: “Foi ruim perceber que, mesmo depois de tanto tempo, algumas lembranças ainda estavam vivas em mim, dando chibatadas de dentro para fora” (GONÇALVES, 2006, p. 570). O poema de Evaristo traz, em eco, tudo o que não pode ser dito, nomeado por Michael Pollak (1989) como as “memórias inaudíveis”. Com isso, *Um defeito de cor* (2006), de Ana Maria Gonçalves, também dialoga com essa perspectiva do poema de Evaristo, Kehinde é a voz africana que vem [forçada] no navio negreiro, mas também é a voz afro-brasileira que ecoa passado, presente e futuro de seus iguais.

Ana Maria Gonçalves utiliza de seu ponto de vista afrodescendente e faz ecoar vozes e memórias coletivas através de sua narradora, Kehinde, e de muitas mulheres que

aparecem durante a narrativa. Mesmo sendo uma mulher negra e africana em pleno século XIX, a protagonista consegue percorrer e atuar entre acontecimentos históricos, mesclando-os, no romance, a uma voz narrativa de emoção e esperança, o que transfere ao romance caráter muito mais que documental e/ou historiográfico, como podemos notar na passagem em que ela narra sobre a venda dos escravizados nos mercados da Bahia, percebemos um regresso ao passado e dor coletiva e individual:

Parecia que renasciam a cada manhã, como se tivessem dentro deles um sol que surgia forte e que, com o correr do dia, ia enfraquecendo, até desaparecer por completo com o fim da tarde. A cada manhã renovavam a esperança de serem escolhidos para, enfim, deixarem aquele lugar que aos poucos ia acabando com eles, roubando saúde e, principalmente dignidade. Era desonroso ficar no armazém por muito tempo, dia após dia, sendo preteridos e humilhados, rebaixados a um ponto em que não serviam nem para carneiros (GONÇALVES, 2016, p. 70).

A memória tem sido um importante dinamismo para a territorialização da escrita de autoria feminina negra. Todavia, no cenário brasileiro, o romance em que a ordem axiológica é alterada a presença feminina, ainda, possui pouco espaço dentro da ordem eurocêntrica da literatura. Em 1850, temos a publicação do romance *Úrsula*, de Maria Firmina dos Reis; em 1946, foi lançado o quase desconhecido *Água funda*, de Ruth Guimarães; *Ponciá Vicêncio* foi lançado em 2003 e *Becos da Memória*, em 2006, ambos de Conceição Evaristo; *Um defeito de cor* foi lançado em 2006, por Ana Maria Gonçalves; e *Bará na trilha do vento* foi publicado em 2015, por Miriam Alves. Percebemos, pelas poucas publicações de romances de autoria feminina negra, que estes ainda possuem barreiras de ordem racista e sexista, principalmente no Brasil. Baseando-se nisso, Antônio Risério (1993) nos atenta:

A marginalização dos textos indígenas e negro-africanos é um reflexo, ambiente letrado, do estatuto subordinado dessas culturas no espaço mental brasileiro – reflexo, por sua vez, do lugar ocupado por essa gente, e pela maioria dos seus descendentes mestiços, na estrutura da sociedade nacional (RISÉRIO, 1993, p. 23).

Infelizmente, esta ordem continua a rondar o cenário literário de autoria negra. Em relação a romances historiográficos, Ana Maria Gonçalves é primeira mulher afro-brasileira a lançar um romance contendo antropologia, História, literatura que discute valores sociais, filosóficos, historiográficos e literários. Consideramos que as produções de mulheres negras têm tentado inverter a lógica eurocêntrica, na qual a figura da mulher negra está sempre inferiorizada. Uma pesquisa extensa de Regina Dalcastagnè (2012) aponta que:

[...] de todos os romances publicados pelas principais editoras brasileiras, e um período de 15 anos (de 1990 a 2004), 120 em 165 autores eram homens, ou seja, 72,7 %. Mais gritante ainda é a homogeneidade racial: 93, 9% dos autores são brancos. Mais de 60% deles vivem no Rio de Janeiro e em São Paulo. Quase todos

estão em profissões que abarcam espaços privilegiados de produção de discurso os meios jornalístico e acadêmico (DALCASTAGNÈ, 2012, p. 176).

Apesar de no cenário contemporâneo termos uma crescente produção e diversidade de textos apresentada pela literatura afro-feminina, lamentavelmente o mercado editorial e midiático não acompanha esta produção e esta demanda. Ainda de acordo com a autora: “É o caso, [...], da população negra, que séculos de racismo estrutural afastaram dos espaços de poder e de produção de discurso. Assim como são poucos os autores e autoras negros publicados pelas grandes editoras, são poucas, também, as personagens negras [...]” (DALCASTAGNÈ, 2014, p. 67). Acerca também do caráter excludente da literatura em relação ao negro, Eduardo Assis Duarte (2010) afirma:

Pode o negro falar? Expressar seu ser e existir negros em prosa ou verso? Publicar? Nem sempre. Sobretudo no passado: falar de sua condição de escravizado, ou de homem livre na sociedade escravocrata, levantar a sua voz contra a barbárie de cativo; ou, já no século XX, enquanto sujeito dolorosamente integrado ao regime do trabalho assalariado; ou excluído e submetido às amarras do preconceito, com suas mordanças. Apesar de tudo, muitos falaram, escreveram e publicaram (DUARTE, 2010, p.11).

A partir dessas reflexões, compreendemos que foram séculos de silenciamento, o qual se arrasta em plena contemporaneidade. No entanto, *Um defeito de cor* (2006), na literatura afro-brasileira, tem seu destaque, por ser uma obra produzida por uma mulher negra, ser um romance metaficcional historiográfico, pós-moderno e publicado em uma grande editora, de acordo com a problematização de Linda Hutcheon (1991):

[...] sem dúvidas essas contradições [acerca do que é pós moderno] se manifestam no importante conceito pós-moderno da “presença” do passado [...]. Não é o retorno nostálgico; é uma reavaliação crítica, um diálogo irônico com o passado da arte e da sociedade, [...]. O mesmo se aplica ao repensar pós-modernista [...] na e sobre a narrativa histórica na ficção e na poesia é sempre uma reelaboração crítica, nunca um retorno nostálgico (HUTCHEON, 1991, p. 20-21).

Um defeito de cor (2006) apresenta uma vasta pesquisa antropológica e historiográfica alicerçada na ficção, adquirindo status de romance metaficcional historiográfico, para Hutcheon (1991, p. 21) “com esse termo [*metaficcional historiográfico*], refiro-me àqueles romances [...] que, ao mesmo tempo, são romances auto reflexivos e mesmo assim, de maneira paradoxal, também se apropriam de acontecimentos e personagens históricos”. Ao analisar o romance, Zilá Bernd (2012, s/p) afirma: “É desde uma experiência humana, do olhar de uma escravizada e não de vencedor, que a escritora mineira traz à tona o complexo e multiforme painel do século XIX no Brasil, onde o regime escravista se manteve até 1888”. Nesse sentido, a obra pode ser lida não apenas como uma herança para o filho “perdido”, mas

uma herança cultural da figura lendária de Luísa Mahin e da História dita “oficial”, desta vez ao avesso, na voz – firme - da mulher negra. Kehinde justifica a escrita da carta/obra:

Você pode dizer que estou fazendo isso agora, deixando tudo escrito para você, mas está é uma história que eu teria te contado aos poucos, noite após noite, até que você dormisse. E só faço assim, por escrito, porque sei que já não tenho mais esse tempo. Já não tenho mais quase tempo algum, a não ser o que já passou e que eu gostaria de te deixar como herança (GONÇALVES, 2006, p. 617).

Assim, acreditamos ser o narrador pós-moderno do qual Hutcheon fala, o que nos faz reavaliar o modo como olhamos e descrevemos por muito tempo nosso passado; como bem pontuou Risério (1993, p. 70): “Dito de outro modo, palavras negras passaram em brancas nuvens”. Ana Maria Gonçalves territorializa sua escrita pelo olhar atento de Kehinde, a narradora não é marcada pela “nostalgia” das brutalidades e rompimentos do que foi, mas pelo desejo de resistir. A respeito das múltiplas violações sofridas pelos negros, Flávia Piovesan (2005) salienta:

[...] as violações, as exclusões, as discriminações, as intolerâncias, o racismo, as injustiças raciais são um construído histórico, a ser urgentemente desconstruídos, sendo emergencial a adoção de medidas eficazes para romper com o legado de exclusão étnico-racial. Há que se enfrentar essas amarras mutiladoras do protagonismo, da cidadania e da dignidade da população afrodescendente (PIOVESAN, 2005. p. 43).

Mesmo construindo um romance de caráter antropológico e historiográfico e consciente de todas as mutilações sofridas pelos negros, a autora opta por uma elaboração da personagem [Kehinde] mais próxima à verossimilhança. A elaboração da narradora-personagem faz com que não tenhamos pena, durante a leitura sofremos com ela, rimos e nos enchamos de esperança devido à sua força e ao seu desejo de seguir, mesmo perante a tantos desafios. Iser (2002, p. 970), ao mencionar sobre o desnudamento da ficcionalidade que a literatura proporciona, afirma: “O sinal de ficção [...] reconhecido através de convenções determinadas, historicamente variadas, de que o autor e o político compartilham e que se manifestam nos sinais correspondentes”. O estudioso chama nossa atenção para importância do contrato ficcional que se estabelece entre autor e leitor, denominado por Philippe Lejeune (1975) como contrato de pacto ficcional. Podemos notar que, mesmo sofrendo ou triste, Kehinde tem consciência de que precisa tentar sair de tais situações, seja por ela, ou pelos seus pares. Vejamos a passagem em que um grupo de escravizados fugitivos de outra fazenda passa em um dia de festa [onde os escravizados no quintal também festejavam] pela fazenda do sinhô José Carlos e uma grande confusão se instaura:

Um de nós que destoasse, que afrontasse mesmo sem ser a intenção, seria castigado e tratado com toda raiva acumulada. Mas era o que dava vontade de fazer, pois eu percebia que em nós a raiva era ainda maior, era imensamente maior que a distância do Brasil até a África, algo pelo qual nem valia a pena se rebelar e descontar apenas naqueles brancos que estavam na nossa frente armados e com seus capangas, entre os quais havia inclusive alguns que já tinham sido escravos [...]. Eu era muito mais nova e já pensava em tudo isso, e pensava que tinham me falado a minha avó, a Nega Florinda e depois a Agontimé sobre cada um de nós ter uma missão. Elas também tinham dito que a minha seria importante, e pedi a Oxum, a Xangô, a Nanã e aos Ibêjis que me ajudassem a saber qual era, pois fosse o que fosse, não seria mais difícil de cumprir do que viver como escrava pelo resto da vida (GONÇALVES, 2006, p. 148).

Olhar o passado escravocrata na contemporaneidade desencadeia, no mínimo, questionamentos a respeito de tanta crueldade e exclusão. Ainda é sombrio revisitarmos os “guardados da memória”, por mais que haja, hoje, a intencionalidade de escritores negros revisitarem o passado trazendo lugares, heróis e heroínas negros, lutas, fatos com a intencionalidade de uma História mais lúcida e na qual o negro seja atuante, infelizmente ainda são poucos os romances metahistóricos escritos por mulheres negras. O silêncio forçado, as mutilações físicas e psicológicas são retratos de uma tardia conquista da autoria feminina negra, Kehinde narra: “[...] nunca dizendo nada que não fosse perguntado, nunca fazendo o que não fosse pedido e nunca desobedecendo ou questionando, mesmo quando achasse que uma ordem estava errada ou injusta” (GONÇALVES, 2006, p. 76).

Para Regina Dalcastagnè (2012, p. 47): “Eles [os fatos] são fugidios, escapam, deixam algumas marcas e arranhões, mas nos legam principalmente lacunas e silêncios”. Nessa linha, Linda Hutcheon (1991) nos atenta para a descentralização ocidental, nesse sentido percebemos certa fragmentação do discurso “uniforme” e “único” instaurado pela História dita oficial.

O centro já não é totalmente válido. E, a partir da perspectiva descentralizada, o “marginal” e aquilo que vou chamar de “ex-cêntrico” [...] assumem uma nova importância à luz do reconhecimento implícito de que na verdade nossa cultura não é o monólito homogêneo [...] que podemos ter presumido (HUTCHEON, 1991, p. 29).

Dessa maneira, notamos que a hegemonia ocidental é posta à prova nos romances pós-modernos, os quais criam antinarrativas, o que Michel Foucault chamou de “reviravoltas do saber”. Segundo o pensador francês, por volta do século XX, desenvolveu-se os “saberes sujeitados”, os quais são postos à margem pelo discurso dito canônico. A partir de tais escritas, surge o que consideramos embates culturais, que sua vez desencadeiam em “ressurreição” de episódios históricos, luta pela descentralização totalizante do discurso “oficial”.

[...] os conteúdos históricos [dos saberes sujeitados] podem permitir descobrir a clivagem dos enfrentamentos e das lutas que as ordenações funcionais ou as organizações sistemáticas tiveram como objetivo, justamente, mascarar. Portanto, os “saberes sujeitados” são blocos de saberes históricos que estavam presentes e disfarçados no interior dos conjuntos funcionais e sistemáticos, e que a crítica pôde fazer reaparecer pelos meios, é claro, da erudição (FOUCAULT, 1999, p. 11).

Ressaltamos que Kehinde não possui interesse em tornar o seu discurso em algo qualificado como determinista, mas deslocar o “centro” discursivo acerca da História, e da situação do negro no período colonial e pós-colonial. Na verdade, seu discurso caminha ao lado de suas memórias individuais e da memória coletiva cuja intenção é relativizar os acontecimentos, confrontar discursos. Isso pode ser exemplificado na parte da narrativa em que a protagonista sugere que João de Oliveira tenha se enriquecido com o tráfico de escravizados. Ela sugere e lança a suspeita ao leitor a respeito do fato do personagem mencionado ter se tornado grande amigo dos comerciantes de tabaco (moeda de troca no comércio de escravizados): “Não dizem que o João de Oliveira enriqueceu com o tráfico de escravizados para que ele não perca o heroísmo, mas desconfio que não pode ter sido de outra maneira” (GONÇALVES, 2006, p. 816).

O contradiscurso literário, praticado pela autora, questiona o cânone ocidental e acaba proporcionando a emergência de se falar sobre culturas até então “esquecidas” e silenciados, é a memória costurando um mapa historiográfico, como afirma Pierre Nora (1993, p. 24): “Na mistura, é a memória que dita e a história que escreve.” Mesmo frente às lembranças, ausências de seus familiares, rupturas, à violência e aos múltiplos deslocamentos físicos e psicológicos, realizados por Kehinde, devido à diáspora africana, percebermos que as mulheres negras ao longo da história conseguiram nutrir sentimentos como coragem e resiliência. Segundo Roland Walter (2008a):

A diáspora afrodescendente das Américas deve ser entendida, portanto, como espaço diaspórico constituído por diversos lugares e comunidades heterogêneos: uma encruzilhada mediada por uma transculturalheterotópica onde existem lares e desabrigos entre lugares e mares. Viver nessa encruzilhada fronteiriça/diaspórica/transnacional/transcultural, portanto, envolve negociações através de um território fissurado [...] (WALTER, 2008a, p. 42).

Percorrer labirintos, que foram forjados e silenciados pela cultura eurocêntrica e racista não tem sido tarefa fácil, pois as diversas formas de apagamento do negro e da cultura afro-brasileira persistiram (persistem) durante séculos de exploração colonial. Todavia a literatura afro-brasileira, na contemporaneidade, tem cumprido importante papel de militância, trazendo ao centro os marginalizados, com destaque para a escrita de autoria feminina. De acordo com Evaristo (2005, p. 6), “[...] sendo mulheres negras inviabilizadas, não só pelas

páginas da História “oficial” brasileira, mas também pela literatura”. Recordamos Linda Hutcheon que ao levantar arcabouços sobre os estudos pós-modernos nos esclarece acerca das mulheres, com destaque para as negras:

As mulheres devem criar e defender sua própria comunidade com base em seus próprios valores. Contudo, as mulheres negras em especial trouxeram para a recordação ex-cêntrica geral da cultura não apenas uma noção muito precisa do contexto social e da comunidade na qual trabalham, mas trouxeram também [...] uma percepção de seu próprio passado particular e histórico (HUTCHEON, 1991, p. 91).

Ana Maria Gonçalves é parte desta grande ciranda de mulheres negras que possuem um desejo enorme de desvelar a História “oficial” pela grafia-poética. Kehinde é quem ganha vida e vem nos denunciar as mais diversas atrocidades durante a escravidão, trazendo para seu relato seu “passado particular”, mas sem deixar de lado o coletivo e histórico. Seja em histórias maiores/coletivas, seja em menores/individuais, ela retoma a construção por *mise en abyme*⁶² que envolvem, em sua maioria, mulheres, como a micro história relatada de uma escravizada de ganho, a qual muito prejudicada pelo tipo de trabalho que exercia, o cabelo não nascia mais como mostra a passagem a seguir: “Os pés ficaram grelhados ao andar na areia quente da praia, onde ela vendia alguma coisa também quente que equilibrava no alto da cabeça, o que fez com que o cabelo caísse e não nascesse mais” (GONÇALVES, 2006, p. 503). Tomando de empréstimo a fala de Antônio Risério (1993):

O negro, numa sociedade escravista (ou “apenas” discriminatória), é uma fábrica de defesas psicológicas. Sua relação com a cor de sua pele jamais é tranquila, pouco importando que se dê pela via da afirmação racial agressiva ou pelo terrível caminho por onde chega a partilhar do juízo negativo que se faz a respeito dele mesmo. É por isso que ele sempre desenvolve uma sensibilidade toda especial. Nunca, ou quase nunca, está com a guarda baixa. No instante mais imprevisto, a diatribe racista poderá estabelecer seu domínio de campo, flechando-o fundamente. A literatura vai servir ao negro, nesta circunstância, como couraça protetora [...] (RISÉRIO, 1993, 78).

Esta citação nos lança para a emblemática (re)configuração e/ou (re)construção da identidade negra em solo brasileiro. Essa (re)construção foi (ainda é) um embate cultural e sociológico muito doloroso em relação ao estereótipo negro, principalmente, da mulher negra. Recordamos a passagem em que Kehinde se vê pela primeira vez no espelho, demonstrando a princípio uma crise de identidade:

Desde que me olhei nele pela primeira vez, não consegui passar um único dia sem voltar a fazê-lo sempre que surgia uma oportunidade. A Esméria parou na frente dele e me chamou, disse para eu fechar os olhos e imaginar como eu era, com o que me parecia, e depois abrir os olhos e o espelho me diria se o que eu tinha imaginado era

⁶² *Mise en abyme* é um termo em francês para designar “histórias em abismo”, em uma tradução mais livre, ou pequenas histórias dentro de uma grande história.

verdade ou mentira. Eu sabia que tinha a pele escura e o cabelo duro e escuro, mas me imaginava parecida com a sinhazinha. Quando abri os olhos, não percebi de imediato que eram a minha imagem e a da Esméria paradas na nossa frente. [...]. Eu era muito diferente do que imaginava, e durante alguns dias me achei feia, como a sinhá sempre dizia que todos os pretos eram, e evitei chegar perto da sinhazinha (GONÇALVES, 2006, p. 85).

Dessa maneira, a memória cumpre seu papel: de resgate, não apenas de identidade e ancestralidade, mas, sobretudo, de encorajamento. O sentimento de resiliência e coragem sempre rondam Kehinde, desde a viagem no atlântico, em sua vinda para o Brasil na primeira vez: “Mas já naquele momento percebi que não era só por isso, mas também porque eu queria viver, e não virar carneiro de gente nem carneiro de peixe, [...]” (GONÇALVES, 2006, p. 57). Outra passagem que também demonstra isso é no momento em que ela chega ao mercado e é posta à venda: “Eu não sabia o motivo, mas tinha absoluta certeza de que não teria o mesmo destino que aquelas crianças, que alguém me escolheria logo e mais nada seria tão ruim assim [...]” (GONÇALVES, 2006, p. 69). A protagonista é uma personagem que possui uma grande sensibilidade mística e se utiliza disso como forma de subversão ao que lhe apresenta de ruim pelo caminho, como ocorre em sua partida da África, juntamente com sua avó e sua irmã, quando estão dentro do navio:

A Tanisha chorava e, encostada no peito dela, que era magro igual ao da minha avó, eu pensei em Xangô, em Nanã, em Iemanjá e nos Ibêjis, pedindo que estivessem sempre conosco, e mesmo quando fôssemos embora dali, que fossem juntos (GONÇALVES, 2016, p. 41).

É interessante notarmos que o misticismo e o mítico-religioso dentro do romance não põe em descrédito o caráter historiográfico, ao contrário, é nesse aspecto que a obra também se faz antinarrativa, pois Gonçalves consegue alicerçar uma escrita consciente e plural, dialogando com o pós-moderno conceituado por Linda Hutcheon (1991) cuja “uma sociedade em que a realidade social é estruturada por discursos (no plural) – isso que o pós-modernismo ensina”. Ou seja, um discurso em que cabe também o mítico-místico.

Podemos afirmar que, portanto, a literatura afro-brasileira desempenha papel de contestação ao cânone literário, no qual os valores possuem ligação com o etnocentrismo, discriminação social e racial, conforme afirmado anteriormente que a autora realiza por meio da metaficção historiográfica cria contradiscursos. Notamos que esse é um caminho pelas quais praticamente todas as escritoras afro-brasileiras percorrem como Conceição Evaristo que coleta histórias reais e produz o que a mesma intitula *escrevivência*. Miriam Alves possui uma vertente erótica forte em seu fazer literário, desnudando o corpo feminino em contraposição ao corpo “disponível” das negras dos arquivos da literatura brasileira. Livia

Natália constrói uma poética voltada ao espaço do sagrado subvertendo os discursos cristãos e falocêntricos. Lia Vieira nos apresenta realidades de mulheres vivendo em um espaço urbano subjugado –inclusive a emblemática questão da solidão da mulher nos presídios. Muitas outras escritoras afro-brasileiras encontram (e têm encontrado) maneiras distintas de denunciarem a condição feminina, principalmente, no Brasil, realizando uma escrita de insubmissão e desvelamento de axiomas cruéis, impostos pela literatura dita oficial. Desse modo, a fala do pesquisador Iêdo de Oliveira Paes, a respeito das narrativas contemporâneas, contribui para nossa afirmação:

Cada vez mais a literatura contemporânea de autoria feminina se reconfigura no cenário nacional e nos coloca diante de grandes escritoras que projetam incessante por entre as veredas literárias, trazendo à baila as dores e os lamentos da contemporaneidade, verdadeiras porta-vozes do nosso inquietamento. Mergulha em águas revoltas, sombrias e grotescas que rolam pelo curso d'água da vida, [...] (PAES, 2016, p. 267).

Nesse aspecto, tudo o que foi/vem sendo produzido fora dos moldes, ditos “oficiais”, tem sido colocado fora do cânone ocidental, segundo Eduardo Assis Duarte em *Literatura e afro-descendência*, a “existência de vazios e omissões que apontam para a recusa de muitas vozes, hoje esquecidas ou desqualificadas, quase todas oriundas das margens do tecido social” (2010, p. 73). Por esse viés, *Um defeito de cor* (2006) se torna antinarrativa, por questionar o pertencimento de uma verdade única na História e na literatura. Para isso, recorremos a Cuti (2010), que foi categórico ao afirmar:

No Brasil, os escritores brancos poderiam ter oferecido ao seu público tais experiências, mas perderam e perdem ao seu essa oportunidade por se negar estar não na pele, mas no coração de um negro, e a partir daí, realizar seu texto [...]. Quando se estudam as questões atinentes à presença do negro na literatura brasileira, vamos encontrar, na maior parte da produção de autores brancos, as personagens negras como verdadeiras caricaturas, isso porque não só esses autores se negam a abandonar sua brancura no ato da criação literária, por motivos de convicções ideológicas racistas, mas também porque, assim, acabam não tendo acesso à subjetividade negra. Estar no lugar do outro e falar como se fosse o outro ou ainda lhe traduzir o que vai por dentro exige o desprendimento daquilo que somos. Os autores sabem disso. Os escritores pouco sabem ou não querem saber [...]. O sujeito étnico branco do discurso bloqueia a humanidade da personagem negra, seja promovendo sua invisibilização, seja tornando-o mero adereço das personagens brancas ou apetrechos de cenários natural ou de inferior, como uma árvore ou um bicho, um móvel ou qualquer utensílio doméstico (CUTI, 2010, pp. 88-89).

Por este viés, rememoramos outra afirmação de Conceição Evaristo, no depoimento “Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento da minha escrita”:

Venho de uma família em que as mulheres, mesmo não estando totalmente livres de uma denominação machista, primeira a dos patrões, depois a dos homens, seus

familiares, raramente se permitiam fragilizar. [...]. Fugir para sonhar e inserir-se para modificar. Essa inserção para mim pedia a escrita. E se inconsciente desde pequena, nas redações escolares, eu inventava um outro mundo, pois dentro dos meus limites de compreensão, eu já havia entendido a precariedade da vida que nos era oferecida, aos poucos fui ganhando uma consciência. Consciência que compromete a minha escrita como um lugar de auto-afirmação de minhas particularidades, de minhas especificidades como sujeito-mulher-negra (EVARISTO, 2005, p. 20).

A partir do fragmento acima, podemos dizer que, na obra de Gonçalves (2006), ocorre, pois, um deslocamento que é entendido por nós como um contradiscurso, uma vez que a mulher negra toma lugar tanto de fala – personagem e/ou personagens, como de autora de seu próprio discurso. Tal deslocamento acontece não apenas em relação à História e literatura canônica, durante toda a obra Kehinde viaja muito, faz muitos negócios e retorna à África. Baseando-se nisso, afirmamos que a diáspora e a relação entre os povos não pode ser vista apenas como rompimento e perda, mas como movimento, construção de identidades e mesmo resistência, e, no romance, um desejo muito forte de vencer da personagem. Conforme afirma Bhabha (1998):

O afastamento das singularidades de “classe” ou “gênero” como categorias conceituais e organizacionais básicas resultou em uma consciência das posições do sujeito – de raça, gênero, geração, local institucional, localidade geopolítica, orientação sexual – que habitam qualquer pretensão à identidade no mundo moderno. O que é teoricamente inovador e politicamente crucial é a necessidade de passar além das narrativas de subjetividades originárias e iniciais e de focalizar aqueles momentos ou processos que são produzidos na articulação de diferenças culturais. Esses “entre-lugares” fornecem terreno para a elaboração de estratégias de subjetivação – singular ou coletiva – que dão início a novos signos de identidade e postos inovadores de colaboração e contestação, no ato de definir a própria idéia de sociedade. É na emergência dos interstícios – a sobreposição de domínios da diferença – que as experiências intersubjetivas e coletivas de nação, o interesse comunitário ou o valor cultural são negociados. De que modo se forma sujeitos nos “entre-lugares”, nos excedentes da soma das “partes” da diferença (geralmente expressas como raça/classe/gênero, etc.)? (BHABHA, 1998, p.19-20).

O romance *Um defeito de cor* (2006) busca preencher as lacunas deixadas pelo colonizador com uma visão descoberta das amarras do passado, criando dessa maneira uma antinarrativa, em relação ao cânone ocidental. Notamos a fala de Schmidt (1996) ao afirmar que o cânone, em terras brasileiras, valoriza determinados padrões em detrimento de outros, neste aspecto a literatura produzida por negros fica à margem:

Destoa do perfil eurocêntrico, e, portanto acaba sendo posta à margem. O cânone, isto é, um conjunto de textos que passou pelo teste do tempo e que foi institucionalizado pela educação e pela crítica como clássicos, dentro de uma tradição, vem a ser o pólo irradiador dos paradigmas do quê e do como se escreve, do quê e do como se lê. Tradicionalmente, a sua constituição está pautada no processo de reprodução do mesmo, pois a força homogeneizadora que atua sobre a seleção reafirma as identidades e afinidades e exclui, portanto, as diferenças, uma vez que essas são incompatíveis com um todo que se quer uniforme e coerente em

termos de padrões estéticos de excelência, argumento geralmente invocado na ratificação do estatuto canônico de uma obra (SCHMIDT, 1996, p. 116).

Ana Maria Gonçalves integra este grupo que não atende aos padrões do cânone europeu, que vem sendo construído há séculos no Brasil. *Um defeito de cor* (2006) rompe com imposições de modelos pré-determinados dentro da literatura, de invisibilização de negros e negras. Para Eduardo Assis Duarte (2009):

[...] o romance de 950 páginas se destaca nessa vertente visualizada até agora. E isto, não apenas por inscrever o cotidiano de horrores da escravidão (tantas vezes recalçado) a partir de uma perspectiva feminina e afro-descendente. Só esse fato já seria suficiente para lê-lo com redobrada atenção. O romance brasileiro ostenta, via de regra, uma considerável hegemonia masculina, tanto na autoria, quanto no protagonismo ou no universo representado. A tônica tem sido o predomínio de narrativas exemplares de homens de relevo, sempre que se trata de representar o passado e de construir uma imagem gloriosa de nação a partir dos feitos dos heróis fundadores (DUARTE, 2009, p. 6).

Percebemos, desde o início, o lugar relegado ao negro no sistema colonial e pós-colonial, uma vez que o fim da escravidão deu ao negro uma falsa liberdade, porque não ofereceu a ele condições de ser livre. Kehinde demonstra que, diferente do que o discurso da História “oficial” gerou em relação ao negro, ele foi atuante, se interessava por política, comércio e não era um sujeito passivo, como a História postulou inúmeras vezes, com o intuito de retirar o negro da construção identitária e nacional, brasileira. A protagonista é essa negra: atuante, inteligente e sagaz, que gosta de estar a par dos assuntos ligados à política, como a passagem a seguir salienta, desde os tempos da fazenda:

Fiquei abaixada do lado de fora da casa, sob a janela, de onde dava para ouvir tudo o que diziam sem ser vista, protegida por uma sebe. Falavam de política, um assunto que eu já tinha ouvido comentarem na senzala grande, sobre o Brasil se tornar independente de Portugal e os escravos se tornarem independentes dos seus donos. Claro que não falavam dessa segunda parte, isso era de interesse nosso, assunto de senzala, pois achávamos que se o Brasil se libertasse de Portugal, do qual era quase escravo, nós também poderíamos pedir a nossa liberdade, ou pelo menos seria um passo nesse sentido. A eles, os senhores que estavam naquela sala, interessava apenas a independência do Brasil, que diziam ser o assunto de todas as rodas de conversa dos homens importantes da capital, e que até já era possível que em alguns lugares do país, que eu ia percebendo ser maior do que imaginara, em alguns lugares, como na corte, a independência já era dada como certa, era questão de dias (GONÇALVES, 2006, p. 156).

Ao inserirem as referências de suas *escrevivências*, e a de seus descendentes, as escritoras afro-brasileiras procuram reconstruir a História “oficial” a partir de suas experiências e memórias. Segundo Jacques Le Goff (1990, p. 476), a memória é indissociável à identidade, “[...] um elemento essencial do que se costuma chamar identidade, individual e coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de

hoje [...]”. As vozes e grafias das escritoras mulheres negras têm exercido importante papel de resgate memorialístico, em razão de reconhecerem a memória como pilar para preservação e valorização da ancestralidade africana, a qual ao longo de séculos de escravização, racismo e sexismo foram negadas aos africanos advindos da diáspora. Literatura e memória sempre andaram juntas e em *Um defeito de cor* o entrelaçamento é construído por Kehinde – mulher guerreira que traz em sua narrativa muitas outras “mulheres-memórias”. Constância Lima Duarte, ao discutir sobre a escrita de mulheres afro-brasileiras, retifica: “Se como quiserem alguns, a literatura é antes de tudo fruto da memória, é compreensível que dentre suas funções esteja também a de denunciar e provocar a conscientização” (DUARTE, 2016, p. 155).

Referências

BHABHA, H. K. **O local da cultura**. Belo horizonte: UFMG, 1998.

BERND, Z. Em busca dos rastros perdidos da memória ancestral: um estudo de *Um defeito de cor*, de Ana Maria Gonçalves. In: **Revista Estudos de literatura brasileira contemporânea**. n. 40. jul./dez. 2012. pp. 29-42. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/elbc/n40/a03n40.pdf>>. Acesso em: 23 abr. 2018.

_____. **Introdução à literatura negra**. São Paulo: Brasiliense, 1988.

_____. Literatura negra. In: JOBIM, J. L. (Org.). **Palavras da crítica**. Rio de Janeiro: Imago, 1992.

_____. Romance memorial (ou familiar) e memória cultural: a necessidade de transmitir em um defeito de cor de Ana Maria Gonçalves. In: **Revista Organon**. v. 29. n. 57. jul/dez. 2014. pp. 15-27. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/index.php/organon/article/view/48058>>. Acesso em: 23 abr. 2018.

CÔRTEZ, C. A. R. **Viver na Fronteira: A consciência da intelectual diaspórica em Um defeito de cor**, de Ana Maria Gonçalves. Dissertação (Mestrado em Letras – Estudos Literários). Faculdade de Letras - FALÉ. Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG. Belo Horizonte: 2010. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/ECAP-83SGJN/viver_na_frenteira.pdf?sequence=1>. Acesso em: 23 abr. 2018.

CUTI. (Luiz Silva). **Literatura negro-brasileira**. São Paulo: Selo Negro, 2010.

DUARTE, E. A. Literatura e afrodescendência no Brasil. In: PEREIRA, E. A. (Org.). **Um tigre na floresta de signos: estudos sobre Poesia e demandas sociais no Brasil**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2010.

_____. **Na cartografia do romance afro-brasileiro, Um defeito de cor, de Ana Maria Gonçalves**. Literafro. 2009. pp. 1-16. Disponível em:

<<http://www.letras.ufmg.br/literafro/arquivos/autoras/anamariacritica03.pdf>>. Acesso em: 23 abr. 2018.

DALCASTAGNÈ, R. **O espaço da dor**. O regime de 64 no romance brasileiro. Brasília: UNB, 2012.

_____. Por que precisamos de escritoras e escritores negros? In: SILVA, C. (Org.). **Africanidades e relações raciais**: Insumos para políticas públicas na área do livro, leitura, literatura e bibliotecas no Brasil. Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2014.

EVARISTO, C. Eu-Mulher. In: QUILOMBOJE (Org.). **Cadernos negros**: os melhores poemas. São Paulo: Quilomboje, 2008, p. 41.

_____. Gênero e etnia: uma escre(vivência) de dupla face. In: LIANEIDER, N. M. (Org.). **Mulheres no mundo** – Etnia, marginalidade e diáspora. João Pessoa: UFPB/Ideia, 2005. pp. 1-14. Disponível em: <<http://nossaescrevivencia.blogspot.com.br/2012/08/genero-e-etnia-uma-escrevivencia-de.html>>. Acesso em: 23 abr. 2018.

_____. **Literatura negra**: uma poética de nossa afro-brasilidade. Dissertação (Mestrado em Letras). Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro - PUC/RJ. Rio de Janeiro: 1996.

_____. **Poemas de recordação e outros movimentos**. Belo Horizonte: Nandyala, 2008.

FOUCAULT, M. **Em defesa da sociedade**: curso no Collège de France (1975-1976). São Paulo: Martins Fontes, 1999.

GONÇALVES, A. M. **Um defeito de cor**. Rio de Janeiro. Editora Record, 2006.

HALL, S. **A identidade em cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HUTCHEON, L. **A poética do pós modernismo**. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

ISER, W. Os atos de fingir ou o que é fictício no texto ficcional. In: COSTA LIMA, L. (Org.). **Teoria da literatura em suas fontes**. v. 2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002. pp. 955-987.

LE GOFF, J. **História e memória**. Campinas-SP: UNICAMP, 1990.

LEJEUNE, P. **Le pacte autobiographique**. Paris: Éditions de Seuil, 1975.

NORA, P. Entre memória e história a problemática dos lugares. Trad. Yara Aun Khoury. In: **Revista Projeto História**. v. 10. dez. 1993. pp. 7-28. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/12101>>. Acesso em: 23 abr. 2018.

PAES, I. O. Por entre olhos d'água de dor, indiferença e amor. In: DUARTE, C. L. CÔRTEZ, C. PEREIRA, M. R. A. (Orgs.). **Escrevivências**: identidade, gênero e violência nas obras de Conceição Evaristo. Belo Horizonte. Idea, 2016.

PERROT, M. **Mi historia de lãs mujeres**. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2009.

PIOVESAN, F. Ações afirmativas sob a perspectiva dos direitos humanos. In: SANTOS, S. A. (Org.). **Ações afirmativas e o combate ao racismo nas Américas**. Brasília: MEC/SECAD, 2005.

POLLAK, M. Memória, esquecimento, silêncio. Trad. Dora Rocha Flaksman. In: **Revista Estudos Históricos**. v. 2, n. 3. 1989. pp. 3-15. Disponível em: <http://www.uel.br/cch/cdph/arqtxt/Memoria_esquecimento_silencio.pdf>. Acesso em: 23 abr. 2018.

RISÉRIO, A. **Textos e tribos - poéticas extra-ocidentais nos trópicos brasileiros**. Rio de Janeiro: Imago, 1993.

SCHMIDT, R. T. Câne/contrane em aquele que é o mesmo nem este que é o outro. In: CARVALHAL, T. F. (Org.). **O discurso crítico na América latina**. Porto Alegre: IEL/ED. Ed. Unisinos, 1996.

SOUZA, E. **Água da cabaça**. São Paulo: Edição do autor, 2012

WALTER, R. Mobilidade cultural: o (não-)lugar na encruzilhada transnacional e transcultural. In: **Revista Interface Brasil/Canadá**. v. 8. n. 1. 2008a. pp. 37-56. Disponível em: <<https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/interfaces/article/view/6960>>. Acesso em: 23 abr. 2018.

_____. Tecendo identidade, tecendo cultura: os fios da memória na literatura afrodescendente das Américas. In: **Anas do XI Congresso Internacional da ABRALIC – Tessituras, interações, convergências**. São Paulo: USP, 2008b. Disponível em: <http://www.abralic.org.br/eventos/cong2008/AnaisOnline/simposios/pdf/078/ROLAND_WALTER.pdf>. Acesso em: 23 abr. 2018.

**THE NOVEL UM DEFEITO DE COR, BY ANA MARIA GONÇALVES:
AFRO FEMININE TRAITS THAT BRING A LEGACY OF COUNTER-
DISCOURSE ANDE IDENTITY CONSTRUCTION**

Abstract

Ana Maria Gonçalves gives voice to Kehinde, narrator of the novel, an African woman of the old Dahomey Kingdom and that during her saga revisits much of Brazil's colonial period bringing to light facts of collective and individual memory that mark this historical period. We looked for in our work to highlight the issues that territorializam writing of black women on Brazilian soil, in contemporary times. A novel by Ana Maria Gonçalves published in 2006, which establishes a dialogue between fiction and history. Examining questions related to literature, history, race, gender and the African diaspora, we seek to demonstrate the importance of works of art by Brazilians of African descent, ethnographically committed to the issue of contemporary race relations. It is the female and Black vision that releases new forces and gives ressonance to the voice of the underling in a traditionally conservative context. It is an opportunity to create a new discourse, constituting a new history written by the “ex-centric” of our country and critical of the prevailing intellectual status quo, but also characterizing a narrative which is inseparable from life and reality.

Keywords

Afro-feminine Literature. Historiographic metafiction. Memory.

Recebido em: 18/06/2018
Aprovado em: 03/09/2018